

CONSIDERAÇÕES SOBRE MANEJO E CONTENÇÃO FÍSICA DE FELINOS DOMÉSTICOS

Deyse Soares de Matos

Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária

Centro Universitário Doctum de Teófilo
Otoni-MG

E-mail: deysesoes006@gmail.com

Pâmela Alves Mariano

Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária

Centro Universitário Doctum de Teófilo
Otoni-MG

E-mail: pamelaalvesmariano@gmail.com

Seicily Isabela Miranda Silva

Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária

Centro Universitário Doctum de Teófilo
Otoni-MG

E-mail: seicilymiranda@gmail.com

Marcela Santos Sena Martins

Professor Orientador

Centro Universitário Doctum de Teófilo
Otoni-MG

E-mail: marcelasena2@hotmail.com

RESUMO

O gato (*Felis silvestris lybica*) está presente desde o início da civilização humana. Sua adaptação e seu comportamento independente tem ganhado preferência atualmente. Os veterinários têm adaptado clínicas e através do manejo cat friendly practice (Prática amiga do gato) buscam uma maior qualidade e tranquilidade no atendimento dos pacientes. A fim de saber como as técnicas de contenção se relacionam com o comportamento dos felinos domésticos, o objetivo central deste trabalho foi verificar através da pesquisa bibliográfica, as alterações no comportamento dos felinos a partir das técnicas de contenção física e química. Para o desenvolvimento teórico foi

realizada uma pesquisa literária em artigos científicos, teses, jornais e livros, na base de dados do google acadêmico, pubmed e periódicos capes, de onde foi retirada toda a informação necessária para o desdobramento da pesquisa. Portanto, pode-se considerar que as posturas corporais e faciais, além dos parâmetros fisiológicos, são indicativos de ansiedade e medo e advêm de diversos fatores e experiências que os gatos são expostos. Assim, para estudos futuros, sugere-se a necessidade de avaliar de uma forma mais exigente através de pesquisas ou questionários, a utilização das técnicas de contenção física nas clínicas e como elas se relacionam com os exames laboratoriais.

Palavras-chave: Prática amiga do gato, estresse em gatos, Leucograma de estresse gatos, Manejo de felinos.

CONSIDERATIONS ON THE MANAGEMENT AND PHYSICAL RESTRAINT OF DOMESTIC CATS

ABSTRACT

The cat (*Felis silvestris lybica*) has been around since the beginning of human civilization. Its adaptation and independent behavior has gained preference today. Veterinarians have adapted clinics and through cat friendly practice seek a higher quality and tranquility in the care of patients. In order to know how restraint techniques relate to domestic felines' behavior, the main objective of this work was to verify through bibliographic research, the changes in feline behavior caused by physical and chemical restraint techniques. For the theoretical development, a literary research was carried out in scientific articles, thesis, newspapers and books, in the google academic database, pubmed and capes periodicals, from where all the necessary information was gathered for the unfolding of the research. Therefore, it can be considered that body and facial postures, in addition to physiological parameters, are indicative of anxiety and fear and arise from various factors and experiences that cats are exposed to. Thus, for future studies, it is suggested the need to evaluate in a more demanding way through surveys or questionnaires, the use of physical restraint techniques in clinics and how they relate to laboratory tests.

Keywords: Cat Friendly Practice, stress in cats, Leukogram in cats, Management of cats.

1 INTRODUÇÃO

Os felinos, antes do convívio com o ser humano, eram considerados animais que não possuíam sentimentos e agiam apenas por instinto. Mas em decorrência do tempo, esse pensamento foi mudando e a convivência propriamente dita do gato com o ser humano, em suas residências começou por volta de 9.500 a 10.000 anos (RODAN, 2015; SCHOLTEN, 2017). Essa relação surgiu porque beneficia ambos uma vez que os gatos acabavam fazendo o controle dos roedores que eram atraídos pelos

grãos estocados, a fama do gato então cresceu e se estendeu para diversos países (RODAN, 2015).

Denota-se que os felinos são animais de estimação bem populares entre as pessoas e são tratados como membros da família (RODAN, 2015). O aumento desses animais nas cidades e nas casas trazem desafios para uma grande parte dos tutores, isso porque muitos não conseguem levar o felino para a clínica quando necessário (SILVA, 2017). Nesse contexto, a Associação Americana de Práticas Felinas (AAFP), criada em 1971, estabeleceu práticas de manejo amigável, com intuito de elevar o cuidado com os felinos, reduzindo o estresse em decorrência da saída do felino de seu território domiciliar, assim como o estresse gerado pela própria espera, além da contenção física, muitas vezes necessária durante a consulta.

Tais práticas se tornaram o alicerce de um grande programa de bem-estar felino, implementado em 2006, o Cat Friendly Practice (CFP), que, dentre outras ações, oferece suporte ao médico veterinário sobre o comportamento e necessidades dos felinos (MELO, 2021). O conhecimento oferecido por esse programa é uma grande vantagem para a rotina nas clínicas veterinárias, pois auxilia no andamento da consulta e evita o estresse desnecessário dos gatos durante o exame físico e as coletas (RODAN et al., 2011). Neste contexto, o problema de pesquisa que guiou o desenvolvimento do trabalho foi, como as técnicas de contenção se relacionam com o comportamento dos felinos domésticos? Sendo assim, o objetivo geral proposto foi verificar através da pesquisa bibliográfica as alterações do comportamento felino a partir das técnicas de contenção física e química. Assim, os objetivos específicos foram: Explicar a história e o comportamento dos felinos; pesquisar sobre técnicas de contenção; associar as técnicas de contenção ao estresse.

Descrever o comportamento do felino quando o manejo é realizado de acordo com o Programa Cat Friendly Practice. Levando em consideração que o manejo e a contenção física estão diretamente relacionados com o resultado dos exames e o bem estar do felino, o interesse em realizar esse estudo surgiu mediante a prática e a observação dos modos de manejo e contenção física realizadas nas clínicas veterinárias.

Os problemas relacionados ao estresse dos gatos vão desde a utilização incorreta das técnicas de manejo e contenção física, a manipulação errônea por

funcionários ou estagiários logo na recepção, o que acarreta estresse no animal e dificuldade no atendimento pelo médico veterinário, levando-a problemas na coleta de sangue para exames até a falta do correto manejo do animal ao ficar internado.

Dessa forma é possível notar que o estudo acerca das considerações sobre manejo e contenção física de felinos pode impactar direta e indiretamente na espera, na consulta, na administração de vacinas e na coleta de amostras para exames complementares, fazendo com que não haja um estresse exacerbado dos felinos, para que o veterinário não tenha que repetir muitas vezes a coleta, trazendo um diferencial para clínica veterinária, além de melhorar as formas de manipular um animal, maior bem-estar para o felino e maior reconhecimento do profissional e da clínica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 História do gato

O gato doméstico de hoje teve origem a partir do gato selvagem africano (*Felis silvestris lybica*), porém não se pode descartar a influência do (*Felis silvestris ornata*) em relação a sua origem (FERNANDES, 2013; SCHOLTEN, 2017). Subsidiando em um ambiente de savana ampla, essa espécie teve que escolher um território para viver e se reproduzir, por conseguinte evoluiu como um caçador territorial e solitário, no qual utilizava o odor para se orientar (FERMO, 2018). Os primeiros indícios de domesticação surgiram na ilha de Chipre, no Oriente Médio, onde a humanidade começou a substituir hábitos nômades, permanecendo em um só local e produzindo seus próprios alimentos (FERNANDES, 2013; SILVA, 2020).

Posteriormente construíram as primeiras vilas de agricultura, mas o que chamou a atenção foi a quantidade de roedores que era dada pelo cultivo de alimentos. Consequentemente os gatos caçavam os roedores, e eventualmente a relação do felino com o ser humano tornou-se mutuamente benéfica, os gatos passaram a ter uma função social nas vilas ficando cada vez mais próximos ao homem (FERNANDES, 2013; RODAN, 2015; SILVA, 2020.). Sendo assim os felinos desenvolveram a capacidade de permanecerem em grupos apenas em certas circunstâncias.

Estes animais caçam individualmente, a quantidade de alimento era significativa comparada ao número de indivíduos felinos, então não ocorre competição por recursos (FERMO, 2018). Apesar de todo processo de domesticação, é possível que a mudança de comportamento esteja atrelada à característica dos felinos antes da domesticação. Algumas características do felino doméstico são estruturalmente semelhantes aos gatos selvagens, possuem semelhança na dentição e no tamanho do corpo, características essas que se mantêm até a atualidade (FERNANDES, 2013).

2.1.1 Comportamento

De acordo com Scholten (2017) o desenvolvimento comportamental do felino pode estar interligado à condição nutricional da mãe quando prenhe, mas também fatores genéticos dos pais podem causar mudanças comportamentais no filhote. Quando há essa perda da mãe isso prejudica o comportamento do felino na vida adulta, pois muitas vezes questões pré-natais dos gatos estejam gerando agressividade em excesso ou o medo demasiado.

Gatas prenhes com deficiência nutricional tendem a gerar filhotes medrosos e antissociais, enquanto gatas que durante a gestação receberam uma boa alimentação, geram filhotes mais ativos e brincalhões. Dessa forma observa-se que a presença da mãe tem uma grande influência no desenvolvimento do filhote, pois ela fica encarregada da higiene, alimentação e temperatura corporal (SCHOLTEN, 2017).

Assim muitos felinos em decorrência de seu comportamento são abandonados muito jovens, uma vez que eles estão começando a desenvolver os comportamentos da espécie. Consequentemente, com sete semanas eles começam a demonstrar sinais de *gape* ou careta, que se refere ao ato de abrir a boca e expor os dentes quando é percebido um novo odor (SCHOLTEN, 2017). Isso é um indicativo de que o órgão vomeronasal está funcionando. Os gatos são seres sociais, no entanto seu comportamento se difere dos seres humanos e dos cães, os felinos de vida livre escolheram viver em colônias, são animais de caça e necessitam de uma válvula de escape para exercerem seu comportamento natural (RODAN, 2015; SILVA, 2020). A comunicação tátil dos gatos com outros gatos só acontece dentro do grupo social do felino, eles demonstram um vínculo um com outro através do *allorubbing* (ato de se esfregar um no outro) mantendo o odor no grupo (RODAN et al., 2011).

Outro fator muito importante na vida do felino é o estresse, pois interfere em toda sua fisiologia, por isso é de extrema importância saber como se portar ao levar felinos a lugares desconhecidos, uma vez que muitos tutores não sabem reconhecer se o gato está estressado ou não. O comportamento do felino em ambientes estranhos e com pessoas desconhecidas, gera um estresse no animal e no tutor, além de deixar a equipe veterinária apreensiva (RODAN et al., 2011).

No consultório é possível observar os principais sinais de um paciente agressivo e com medo, e compreender suas posturas corporais certamente auxiliará em todo manejo que será utilizado. Inclusive alguns sinais do felino são: colocar as patas mais junto ao corpo e começar a mostrar mais medo encolhendo a cabeça para parecer menor à medida que se aproximam, durante a aproximação o paciente começa a arquear o pelo, além disso alterações faciais não devem ser ignoradas, tais como midríase e achatamento das orelhas (RODAN et al., 2011; STRACK, 2021; MELO, 2021), como demonstrado na Figura 2.

Figura 2- Alteração frente a pessoas desconhecidas



FONTE: Rodan et al., (2011)

2.2 Bem-estar animal

A definição de Bem-Estar Animal (BEA) advém de um conceito de oferecer uma qualidade de vida melhor para o animal (ALVES et al., 2019). Os animais são seres sencientes, têm consciência do ambiente onde vivem e possuem a capacidade de sentir dor, ansiedade, conforto, e possuem interesses que são inatos da espécie (RYAN et al., 2018). Do mesmo modo, o enriquecimento ambiental (EA) é uma forma

de trazer aos animais um ambiente que desenvolva seus instintos naturais e proporcione mais bem estar físico e psicológico.

De acordo com Silva (2020), uma das dificuldades de promover o bem-estar dos gatos é esclarecer que o tratamento por eles oferecido aos felinos pode estar ferindo as suas necessidades como espécie, onde na maioria das vezes o tutor não entende que os gatos não têm a mesma necessidade do ser humano. Um fator importante que fere o bem-estar dos gatos é a superlotação no mesmo ambiente, pela complexidade das relações sociais do felino doméstico, o aumento do número de animais contribui para o estresse dos mesmos (DANTAS, 2010).

Para um melhor convívio entre o animal e o ser humano é importante saber quais as características comportamentais da espécie e qual a importância de respeitá-la, promovendo o bem-estar e consecutivamente, ocasionando saúde física e mental aos felinos e todos ao seu redor (SILVA, 2020). Inicialmente as cinco liberdades foram propostas pelo relatório *Brambell* em 1965) em um comitê formado por profissionais do Ministério da Agricultura da Inglaterra, onde foram definidos métodos que avaliavam as condições de manejo com os animais (SILVA, 2020).

No decorrer dos anos, o conceito das cinco liberdades foi melhorado e eventualmente houve a ampliação e definição do bem-estar como: Liberdade Ambiental que está relacionada à condições do ambiente em que o animal vive; Liberdade Comportamental, o animal é livre para demonstrar seu comportamento natural; Liberdade Nutricional, os animais devem ter acesso a alimentação de qualidade e água limpa de acordo com suas exigências nutricionais; Liberdade Psicológica, determinando que o animal esteja livre de sentimentos negativos, como depressão, estresse, medo entre outros (SILVA, 2020).

Desse modo o enriquecimento ambiental tem tido um efeito benéfico e certamente sua aplicação foi bem-sucedida para modificação comportamental e promoção do bem-estar em felinos domésticos. Ter compreensão do comportamento normal do felino doméstico e utilizar as técnicas de enriquecimento ambiental e manejo etológico adequado, é a base para o controle e o tratamento de comportamentos indesejáveis (DANTAS, 2010). Com mais pesquisas e estudos, será possível um melhor uso dos recursos disponíveis para promover o bem-estar, sendo permissível para detecção e prevenção precoce de distúrbios comportamentais,

evitando assim o abandono, tendo em vista animais que foram vítimas de maus tratos ou abandono, o método de enriquecimento ambiental pode reduzir o medo que esses animais têm decorrente de diversas situações. Portando com o condicionamento clássico, os felinos podem ganhar mais confiança e viver apenas de experiências positivas (DANTAS, 2010).

2.2.1 Manejo de felinos

O manejo é um conjunto de técnicas que visa trazer mais conforto para os felinos e tranquilidade para os tutores. Salienta-se ainda, que o manuseio dos filhotes entre a segunda e a sétima semana de vida do gato tendem a melhorar a relação do felino com o ser humano (RODAN et al., 2011). Visto que pessoas que são agitadas devem possuir mais cautela e evitar movimentos bruscos que ocorrem em decorrência da agitação, o que pode gerar um estresse no filhote levando a uma agressividade repentina.

Sabe-se que o número de tutores que levam seus gatos a consultas de rotina é baixo, sob o mesmo ponto de vista tutores de cães tendem a levar mais vezes, seja para consulta ou *check up* (RODAN, 2015). Dessa forma o manejo amigável deve ser iniciado em casa uma semana antes da consulta, para que o gato associe a ida à clínica veterinária a uma experiência boa (RODAN et al., 2011). Por esse motivo a Associação Americana de Práticas Felinas (AAFP) juntamente com a Sociedade Internacional de Medicina Felina (ISFM) tem como objetivo proporcionar ambientes mais preparados para o atendimento e consulta dos pacientes.

A CFP possui requisitos específicos na estruturação da clínica para melhor atender e tranquilizar o tutor não apenas na recepção, mas na consulta e durante a internação (MELO, 2021). Esse programa torna-se de grande ajuda para os veterinários pois fornece uma nova perspectiva no manuseio e atendimento, visto que toda a equipe veterinária deve possuir conhecimento e treinamento para a contenção e manuseio de animais que estão na recepção ou até mesmo internados.

Observando e levando em conta toda a sensibilidade e reatividade dos felinos é necessário conhecer maneiras corretas e eficientes para o manejo e contenção física no momento de algum atendimento ou procedimento (SILVA, 2017; MELO, 2021). Certamente os gatos são mais perceptíveis a mudanças, e perto de animais

muito agitados ficam mais apreensivos e tendem a se estressar com facilidade (SILVA, 2020). Portanto o tutor deve ser orientado a utilizar caixa de transporte ao levar o animal para clínica juntamente com algum item de seu conhecimento, para que cause um efeito de segurança no mesmo. Portanto, durante a consulta, colocar um pano sobre sua cabeça pode dar ao paciente a sensação de estar escondido facilitando o manejo, demonstrado na figura 3.

Figura 3- Uso da toalha para redução de estresse



FONTE: Rodan (2015)

2.2.2 Cat Friendly Practice

O programa CFP foi desenvolvido pela AAFP, para elevar o cuidado com os felinos, e facilitar a conduta dos veterinários e tutores além de tranquilizar os felinos no momento da consulta (SANTOS, 2019; STRACK, 2021). Essa é uma iniciativa que pode ser implementada nas clínicas veterinárias, porém deve-se atender a certos requisitos para obtenção do *Cat Friendly Certificate Program* (STRACK, 2021). Assim é necessário que a clínica ou hospital veterinário tenha um profissional que seja membro da AAFP, ainda também deve-se ter o cadastro atualizado e aprovado a cada dois anos, para manter o status de clínica CFP, outros requisitos importantes para criar um ambiente CFP é a postura de todos que trabalham na clínica, que de alguma forma se envolve com os pacientes e/ou clientes, desde funcionários da limpeza até a equipe veterinária (SILVA, 2017).

A estruturação da clínica segue algumas soluções idealizadas pelo programa CFP, que são projetadas para proporcionar ambientes menos estressantes aos felinos. Começando pela área de espera que pode ser em uma sala exclusiva ou na

mesma sala, porém com a separação do gato dos demais animais, com o propósito de criar um ambiente silencioso e tranquilo (STRACK, 2021). As áreas de hospitalização devem ser salas exclusivas para gatos, devem ser criadas pensando no emocional do felino e no estresse que gera não estar no seu ambiente domiciliar (RODAN et al., 2011).

Oferecer esconderijos dentro da gaiola hospitalar, com a intenção de fornecer segurança ao gato, além disso as salas cirúrgicas devem possuir equipamentos específicos para felinos (CARNEY et al., 2012). Tendo todos os requisitos aprovados, a clínica receberá um selo equivalente comprovando que a clínica é participante do programa além de materiais com informações básicas disponíveis sobre o manejo do paciente felino e maneiras de costumar o gato a visitas clínicas (SILVA, 2017), (Figura 1).

Figura 1- Selo concedido pela AAFP para clínicas participantes do programa Cat Friendly Practice.



FONTE: Silva (2020)

2.2.3 Visita à clínica

A princípio a participação do tutor é imprescindível, pois ele terá que dedicar um tempo para ensinar ao filhote a como entrar na caixa de transporte desde cedo, de maneira que ele não se sinta pressionado (RODAN et al., 2011; RODAN, 2015). Sobretudo é importante que o tutor saiba escolher a caixa de transporte adequada, tendo como base o tamanho do animal e sabendo as características mais importantes de uma caixa de transporte (RODAN et al., 2011). A fim de proporcionar mais conforto aos gatos e praticidade para os donos e para o veterinário, optar por transportadoras

que são projetadas para abrirem a parte frontal e a parte superior é o ideal (RODAN, 2015).

Elucida-se que, é muito importante desde filhote já fazer essa conciliação da caixa a algo positivo, pois concomitantemente ele entrará e permanecerá na caixa tranquilamente, e isso será benéfico em todas as idas ao veterinário. Para fazer essa conciliação é importante deixar a caixa de transporte em um local da casa com alguns objetos como brinquedos ou cobertas para instigar a permanência do gato e tornar a caixa algo familiar e positivo (RODAN et al., 2011). Sempre oferecer um petisco para incentivar quando entrar na transportadora sozinho ou deixar que toquem em seu corpo.

Outra forma de acostumar o gato a viagens para a clínica é ensaiar visitas sempre que possível ao veterinário, para pesar, ou levá-lo a uma volta de carro por perto, visando aumentar a socialização em seu primeiro ano de vida (RODAN, 2015). Durante o passeio deixar o animal no banco de trás afivelado ao cinto de segurança a fim de evitar abalos (Figura 4).

Figura 4- Segurança na ida ao veterinário



FONTE: Strack (2021)

Ao marcar a consulta do animal é importante que a equipe veterinária esteja instruída a perguntar se é a primeira consulta do animal, para assim instruir o tutor da melhor forma possível a como transportar o gato até a clínica (CARNEY et al., 2012). O veterinário também pode orientar o tutor a como preparar o felino para a ida ao consultório e para a realização dos exames. Por exemplo; habituar o felino a barulhos e pessoas diferentes, manusear as pernas e o corpo, tocar no abdômen, mexer nas

orelhas e simular contenções, sempre no tempo do gato e calmamente, a fim de que se acostume e não associe toda essa movimentação e toque a um incômodo tão grande (RODAN et al., 2011; RODAN, 2015; STRACK, 2021; MELO, 2021).

Alguns recursos exigidos pela CFP para recepção é possuir uma superfície elevada para manter os felinos fora do chão, manter cães e gatos em locais separados ou minimizar o tempo de espera dos tutores de gatos (CARNEY et al., 2012). A fim de garantir um bom retorno, é importante planejar a volta para casa também. Quando os felinos voltam ao seu lar, há inúmeros odores diferentes nele, e aquele cheiro familiar já se foi. Por esse motivo é importante em residências que possuam mais de um gato, que o tutor ao buscar seu animal, passe essa toalha no gato da casa e ao chegar na clínica, envolva o felino com a mesma toalha para evitar brigas ao chegar em sua moradia (RODAN et al., 2011). No entanto, caso não haja brigas é aconselhável deixar a caixa de transporte aberta para que os outros gatos o cheirem, monitore apenas a reação deles, evite pegá-lo para não o estressar e não dar início a nenhuma briga (RODAN et al., 2011).

2.2.4 Manejo adequado frente ao tutor

A princípio tutores de gatos se sentem receosos ao levar o animal para o consultório, isso se dá muitas vezes por experiências ruins, por não conseguir pegar o animal ou não querer estressá-lo. Apesar de importante a ida ao veterinário, diversos tutores não sabem interpretar o comportamento do seu animal e como ele se sente em relação a todo esse processo de visitas clínicas (SILVA, 2017). Sob o mesmo ponto de vista, donos de animais de estimação acreditam que, pelos gatos serem mais independentes, não é necessário a ida ao consultório (MELO, 2021).

Em virtude do desconhecimento das necessidades médicas do felino e da não explicação dos benefícios que elas trazem, os tutores negligenciam os cuidados com a saúde de seu animal (SILVA, 2017). Alguns proprietários se incomodam com o jeito que o seu gato está sendo manuseado ou contido, em decorrência disso a visita do gato acontece esporadicamente, pois acreditam que essas experiências tragam mais malefícios do que benefícios (RODAN, 2015). Por fim quando procuram veterinários, muitas vezes tem-se toda aquela frustração que anteriormente não teria, e o tutor acaba se frustrando e ficando ansioso, todo esse comportamento do dono tem forte

influência mesmo em gatos tranquilos, pois eles captam a ansiedade e estresse do dono, e podem se mostrar agressivos, o tutor então deve se manter calmo durante toda a consulta.

2.3 Contenção

A contenção física antes de tudo é o ato de segurar o animal para que o mesmo não possa se mover durante determinados procedimentos. Contudo, sabe-se que a contenção desses animais nem sempre é fácil, pois são animais que possuem uma grande habilidade para se desvencilhar das contenções com facilidade (FEITOSA, 2014). Portanto pessoas inabilitadas para conter o paciente em atendimento, podem se lesionar. Apesar disso, não é todo gato que vai se mostrar agressivo, uma vez que estão em um ambiente desconhecido ele tende a ficar imóvel e recluso dentro da caixa de transporte, e em geral são extremamente tranquilos de se fazer o exame físico e até a coleta sanguínea.

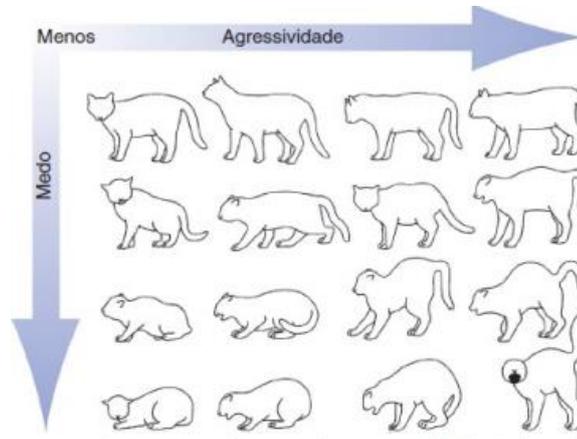
Segundo Rodan et al, (2011) massagear a parte superior da cabeça e atrás das orelhas, pode proporcionar um relaxamento enquanto o veterinário examina o paciente, tendo a oportunidade de fazer vacinação, aferição de temperatura e coletar amostras se necessário. As contenções devem ser executadas, mas sem que altere o estado do animal. Os gatos são animais extremamente reativos e sensíveis a mudanças de ambiente, de potes de alimentos, até mesmo da mudança da areia higiênica, toda e qualquer mudança pode causar estresse nos felinos (SILVA, 2020). O estresse além de ser observado fisicamente no animal, também reflete de forma clara e significativa nos exames hematológicos com o aumento do cortisol.

2.3.1 Física

Assim como a contenção física se mostra útil em diversos procedimentos, conhecer várias técnicas e saber executá-las corretamente deve ser o ponto chave para um bom atendimento. Veterinários constantemente se deparam com gatos agressivos, no entanto aprender a reconhecer os sinais posturais é importantíssimo nessa situação (RODAN et al., 2011). Sinais de medo e agressividade são transmitidas pelos gatos de forma sutil, e saber as posturas corporais pode ajudar a tomar decisões frente a situações de possíveis agressões (RODAN et al., 2011). Na

figura 5 abaixo é perceptível as alterações do gato frente ao medo e pronto para atacar.

Figura 5 - alterações de agressividade e medo.



FONTE: Bowen, J Heath (2005)

A contenção inadequada certamente causará mais malefícios do que o contrário, por isso a menor contenção sempre será a melhor (RODAN, 2015). Em virtude disso, ao posicionar o felino para examinar seu abdômen, deitá-lo dorsalmente de forma que não exerça muita força sobre o mesmo, no entanto, fazer isso somente se necessário (RODAN, 2015). Caso contrário, posicione-o confortavelmente e manipule o mínimo possível, logo o animal se torna menos passível de lutar e fugir. Segundo Rodan et al (2011) com o intuito de auxiliar na coleta de amostras, bolsas foram criadas para conter os gatos, porém, deve-se tomar cuidado ao utilizá-las, porque se estiver muito apertada, pode assustar o animal, mas caso não feche adequadamente não irá conter corretamente o felino.

De acordo com Rodan et al (2011) optar por utilizar a técnica do *scruffing* (segurar o gato pela pele dorsal do pescoço), não é uma opção viável para contenção de gatos, esse ato causa um efeito contrário e pode tornar o felino mais agitado e amedrontado. Esse ato deve ser reservado apenas para a mãe e para o acasalamento. O medo mostrado pelo animal também pode ocorrer em decorrência de um membro lesionado que ao fazer a apalpação o animal se sente incomodado reagindo com unhas, mordidas e vocalização (FURTADO; SOBRAL; 2020).

Além disso é preferível a princípio que o manuseio do paciente seja feito somente pelo veterinário e próximo do tutor ou até mesmo em seu colo, todavia se a presença do tutor deixar o animal mais agitado, peça para que aguarde fora do consultório. Certamente a equipe veterinária deve conhecer as técnicas e saber aplicá-las, utilizar preferencialmente uma toalha a fim de diminuir o estresse e amenizar o medo do paciente (RODAN, 2015).

Existem várias técnicas que podem ser utilizadas com a toalha para conter o paciente, e para realizar a coleta de amostras para exames, dentre elas, envolver a toalha ao redor do pescoço do animal juntamente com os membros para realizar a punção venosa, deixar apenas a pata utilizada exposta (RODAN, 2015), assim como mostrado na figura 6.

Figura 6 - contenção para punção venosa



FONTE: Rodan (2015)

Deve sempre recompensar o gato pelo seu comportamento positivo e de modo nenhum repreendê-lo por não realizar o comportamento desejado, e sim ignorar o mau comportamento (RODAN, 2015). Após a contenção de corpo inteiro utilizando mais força, os parâmetros do felino podem ser alterados resultando em um aumento da frequência respiratória (FR) e frequência cardíaca (FC) e no diâmetro da pupila, além de manter as orelhas em sinal de atenção por um espaço maior de tempo ao contrário de gatos que tiveram uma contenção mais passiva (STRACK, 2021).

2.3.2 Química

A princípio é importante salientar que a contenção química pode ser usada para redução de estresse em gatos, em contrapartida, se o animal se mostrar muito agitado, a utilização de fármacos pode se mostrar ineficaz e não confiável (RODAN et al., 2011). A indução com anestésico inalatório não é muito recomendada, pois o veterinário tem menos controle das vias aéreas do paciente, além disso é necessário conhecer o histórico do animal para utilização de determinada prática anestésica (RODAN et al., 2011). Em vista disso, o uso de fármacos se vê necessário em situações como; demora no procedimento por medo e estresse, e quando a contenção gentil e equipamentos, já não oferecem segurança para todos os envolvidos.

Além disso, a utilização da contenção química varia entre veterinários, assim como sua utilização varia de um animal para outro, dessa maneira é importante optar por fármacos que possuam reversor, ou seja que agem como antagonistas revertendo o efeito do fármaco utilizado (RODAN et al., 2011; STRACK, 2021). Nesse sentido, ao realizar a contenção física, observar a força utilizada para palpação, pois pacientes que se encontram com dor podem se estressar em decorrência de uma contenção errônea, e isso pode ser interpretado como estresse ou hostilidade, levando ao uso de contenções químicas desnecessárias.

Fármacos onde sua administração seja intramuscular ou subcutânea são mais indicados pois a necessidade de contenção física para a administração é menor (RODAN, 2011; MELO, 2021). A utilização de protocolos na contenção química, contribui para uma fácil coleta de amostras sanguíneas, certamente que a utilização de fármacos deve ser vista como última opção, tendo em vista que seu uso pode alterar os resultados hematológicos e bioquímicos, (PARREIRA; BUZIN, 2012; VOLPATO, 2013). Entretanto a dexmedetomidina pode ser usada para a contenção química, e associada a anestésicos para pequenos procedimentos, mas caso o paciente não esteja bem sedado, pode-se optar pelo uso de dexmedetomidina e midazolam. (RODAN et al., 2011).

2.4 Alterações no diagnóstico

O felino doméstico é uma espécie muito reativa a diversidades do ambiente, conseqüentemente isso pode provocar várias manifestações sistêmicas que

influenciam em sua avaliação clínica tais como: diarreia, midríase, aumento da frequência respiratória, tremores e vômitos (RAMPELOTTO, 2021). A princípio é importante realizar o manuseio do felino de forma calma para que os parâmetros do animal não se alterem. É notável também, a dificuldade do veterinário em fazer a coleta de amostra sanguínea em felinos que se apresentam inquietos, e quando isso acontece o veterinário não deve fazer muitas tentativas (PERETTI, 2021).

A contenção física feita de forma errônea pode levar a diagnósticos equivocados e exames laboratoriais alterados (RODAN et al., 2011). Uma vez que for realizar o exame físico no paciente, dar preferência a partes menos invasivas para posteriormente examinar o local de dor, evitando por exemplo aumento na FR, FC e dilatação das pupilas. Além disso a colheita de amostras pela veia jugular se mostra uma boa opção, já que a mesma possui um maior calibre possibilitando a coleta de uma grande quantidade de forma mais rápida (SILVA, 2017; MELO, 2021).

Isso minimiza o tempo de contenção do gato e possibilita que o sangue seja transferido ao tubo de anticoagulante rapidamente (PARREIRA; BUZIN, 2012). Como exemplo o sistema urinário, que se torna bastante sensível em situações de estresse o que pode proporcionar um aumento nas chances de inflamação vesical (SILVA, 2017).

Por possuírem uma excelente audição os gatos se assustam facilmente quando pessoas se aproximam ou com a agitação do consultório, o que para os felinos é desagradável além de influenciar na alteração dos parâmetros fisiológicos, essa excitação libera adrenalina, que a depender de sua concentração pode levar ao que chamamos de leucograma de estresse (RODAN, 2015). A precisão dos testes realizados no laboratório e sua interpretação vai depender da qualidade da amostra colhida, por isso ela deve ser colhida de forma correta e cuidadosa minimizando suas alterações (PARREIRA; BUZIN, 2012).

2.4.1 Leucograma de estresse

O estresse é um conjunto de mudanças comportamentais e fisiológicas que são provocadas por estímulos nocivos ou desagradáveis para o animal (RAMOS, 2018). É certo que o estresse causa uma modificação na homeostase fisiológica, em virtude disso ocorre uma supressão do sistema imunológico e conseqüentemente toda sua

fisiologia se altera, o que favorece o desenvolvimento ou reativação do herpesvírus felino tipo I (SILVA; SUYENAGA, 2019).

Além disso, os hormônios liberados no organismo alteram os valores hematológicos e também mascaram o leucograma. A excitação associada à administração de medicamento intravenoso pode resultar em alterações como, leucocitose, neutrofilia, eosinofilia e linfocitose, caracterizando um quadro de estresse agudo (FAM et al., 2010). Em contrapartida no estresse crônico pode se observar dor persistente ou medo de determinados ambientes, espera-se encontrar, leucocitose, neutrofilia, eosinopenia e linfopenia no leucograma de estresse (RAMOS, 2018).

Diante disso, dois hormônios ganham atenção, o cortisol e a adrenalina. O cortisol é um hormônio liberado frente a situações estressantes, o hipotálamo libera o hormônio liberador da corticotrofina que estimula a hipófise a liberar o hormônio corticotrófico que então vai liberar o cortisol no córtex da adrenal (LAURINO, 2009). Já a adrenalina que também é conhecida como hormônio de luta e fuga, é liberada e produzida pelas adrenais em decorrência da produção do cortisol, a adrenalina influencia no leucograma, resultando em uma elevação na contagem de neutrófilos decorrente de estresse agudo (VOLPATO, 2013).

3 DISCUSSÃO

Conforme a construção do trabalho, foi abordado o programa Cat Friendly Practice que auxilia veterinários no atendimento dos felinos. Segundo Rodan et al., (2011), as técnicas CFP tendem a reduzir o nível de estresse, se adaptadas de acordo com a situação vivenciada. Para Rodan (2015); Fernandes (2013); Scholten (2017), onde citam que os felinos são descendentes da espécie *Felis lybica*, no entanto Silva (2020) já cita que o felino pode ser descendente do *Felis silvestris*, mas em decorrência das várias subespécies é difícil determinar sua descendência exata.

Além disso, diversos autores discorrem que, a ansiedade, o medo, e o desconforto de felinos domésticos é decorrente de fatores como, a saída de seu território, manuseio por diversas pessoas, locais desconhecidos, contenções sem o devido cuidado entre outros, se tornando as causas mais comuns de agressão. Segundo Rodan et al., (2015) o *allorubbing* é o meio de comunicação do gato com os

demais felinos da colônia, e Silva (2020) acrescenta que, os mesmos se lambem para compartilharem os mesmos cheiros, tal comportamento é chamado de *allogrooming*.

Por certo Silva (2020), identifica que a introdução de um novo felino nas residências pode gerar mais desconforto e estresse para o gato atual, no entanto, Melo (2021) acredita que as características sociais e comportamentais do animal não anulam a possibilidade de uma convivência dentro de uma mesma residência, desde que haja recursos disponíveis para todos. De acordo com Carney et al., (2011) para maior tranquilidade e segurança do felino, a avaliação física pode ser feita dentro da caixa de transporte ou na mesa, onde ele se sentir mais confortável, já Feitosa (2014) indica que o exame físico deve ser de preferência na mesa, pois são animais ágeis e pequenos tornando sua imobilização mais complicada.

Para Rodan et al., (2011), o uso do *scruffing* não é indicado para contenções nas clínicas, o *scruffing* é usado somente se necessário, Para Harvey; Tasker (2013) o objetivo é tratar bem os pacientes e lidar com eles respeitosamente, assim é desnecessário o uso dessa técnica da qual não faz bem ao gato. De acordo com Melo (2021) tutores de felinos tendem a pensar que, pelos gatos serem animais independentes se torna desnecessário a visita a clínica, mas Rodan (2015) relata que os proprietários se incomodam com o modo que seu animal está sendo manuseado ou contido e em decorrência disso o atendimento de felinos é bem menor.

Uma vez que o felino é uma espécie reativa a mudanças, e que vários são os fatores que podem gerar estresse no mesmo, Laurino (2009); e Ramos (2018) da mesma forma explicam que a alteração da homeostase do organismo provoca o estresse e o mesmo leva a agressividade. Além disso, Fam et al, (2010), relata que, diante da excitação do animal quando associado a administração de medicamentos o animal pode apresentar leucocitose neutrofilia, eosinofilia e linfocitose, da mesma forma Ramos (2018) completa dizendo que o medo persistente de determinados ambientes, pode levar a apresentação de leucocitose, neutrofilia e linfopenia.

Além disso, não foi abordado todas as técnicas que podem ser utilizadas para contenção física dos felinos, como redes e luvas, porque de acordo com Rodan et al., (2011) essas técnicas podem significar mais estresse e provocar lesões ao gato. Elucidando-se que a avaliação do bem-estar, está na aplicação correta das contenções físicas ou químicas utilizadas por médicos veterinários e sua equipe, que

tem como objetivo um melhor atendimento, tranquilidade do animal e a satisfação do tutor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que apesar dos felinos estarem domesticados, traços comportamentais selvagens permanecem até hoje, e atualmente os gatos ganharam muito espaço na vida das pessoas. Assim os cuidados com a saúde também se desenvolveram. Salienta-se que os aspectos comportamentais sofrem grande influência frente às contenções utilizadas nas clínicas, uma vez que o estresse é sim um fator de alteração do estado fisiológico do animal, podendo desencadear por exemplo dermatites.

O Cat Friendly Practice que advém da AAFP, fornece conhecimento acerca da estruturação necessária para o atendimento de felinos, além de instruir o tutor a implementar as técnicas para um melhor relacionamento com seu animal. Os gatos quando contidos de uma forma mais branda, utilizando as técnicas corretamente, tendem a não se agitar exageradamente, contribuindo muitas vezes para exames físicos e coletas sanguíneas.

O interesse em realizar o estudo surgiu mediante a observação dos manejos que eram realizados nas clínicas, mediante o desenvolvimento teórico sobre as contenções e práticas de manejo descritas na literatura, compreendendo que vários são os fatores que geram estresse nos gatos. Portanto o objetivo de se obter o conhecimento das características comportamentais, leva veterinários a enxergar a situação na visão do gato, entendendo que, para minimizar o estresse dos gatos advindas de técnicas de contenção incorretas, deve-se reestruturar toda a sua equipe e o ambiente onde o gato está.

As posturas corporais e faciais, além dos parâmetros fisiológicos, são indicativos de ansiedade e medo, e o desconhecimento dos mesmos leva a contenções físicas, que se mal executadas conseqüentemente, leva o felino a associar aquele lugar, pessoa ou momento a uma experiência ruim, essa associação em situações futuras pode levar o animal a agressividade, tendo que optar pela utilização de fármacos para contenção. Assim para estudos futuros, sugere-se a necessidade de avaliar de uma forma mais exigente através de pesquisas ou

questionários, a utilização das técnicas de contenção física nas clínicas e como elas se relacionam com os exames laboratoriais e quais foram os achados no hemograma bioquímico desses gatos, relacionando o estresse com a mudança fisiológica do organismo.

REFERÊNCIAS

ALVES *et al.* Bem-estar e enriquecimento ambiental de gatos (*Felis catus*): o que os clínicos veterinários sabem? **Revista Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v.16, n.29, p. 385-394. 2019. Disponível em: <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/189>. Acesso em: 05 out. 2022.

BOWEN, J.; HEATH, S. Behaviour Problems in Small Animals: **Practical Advice for the Veterinary Team**. 1st ed. USA: SAUNDERS, 2005. 282 p. Disponível em: https://www.academia.edu/8784241/Behaviour_Problems_in_Small_Animals. Acesso em: 25 nov. 2022.

CARNEY, H. et al. AAFP (American Association of Feline Practitioners) e ISFM (International Society of Feline Medicine) - **Diretrizes para cuidados de enfermagem amigáveis aos felinos**. 2012. Disponível em: https://journals.sagepub.com/pb-assets/cmscontent/JFM/Nursing%20Care%20Guideline_Translated%20-%20Cuidados%20de%20enfermagem-1603717337253.pdf. Acesso em: 15 maio. 2022

DANTAS, L. M. de S. **Comportamento social de gatos domésticos e sua relação com a clínica médica veterinária e o bem-estar animal**. 2010. 139 p. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/felinamente/files/2017/03/Comportamento-social-de-gatos-dom%C3%A9sticos.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

FAM, A. L. P. D. *et al.* Alterações no leucograma de felinos domésticos (*Felis catus*) decorrentes de estresse agudo e crônico. **Revista Acadêmica de Ciências Agrárias e Ambiental**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 299-306. 2010.

FEITOSA, F. L. F. Contenção Física dos Animais Domésticos. In: FEITOSA, F.L.F. **Semiologia veterinária: a arte do diagnóstico**. 3. ed. São Paulo: Roca, 2014. p. 29-45.

FERMO, J. L. **Relatório de estágio supervisionado na área de clínica médica, bem-estar e comportamento de pequenos animais**. 2018. 75 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária). Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/189214/Relat%c3%b3rio%20de%20Est%ca1gio%20Jaciana%20Luzia%20Fermo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 out. 2022.

FERNANDES. T. M. da S. **O cão (*Canis familiaris*) e o gato (*Felis catus*): uma ameaça à fauna selvagem**. 2013. 51 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7613/1/2013_Thamyres_MenezesdaSilvaFernandes.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

FURTADO, G. D; SOBRAL, F.E. da .S. Contenção mecânica de animais: revisão de bibliografia. **Environsmoke**, v.3, n.3, p.1-10. 2020.

HARVEY, A. TASKER, S. **Feline Practice A Foundation Manual da BSAVA**. Gloucester: British Small Animal Veterinary Association, 2013. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/bsava-manual-of-feline-practice-pdf-free.html>. Acesso em: 04 dez. 2022.

LAURINO, F. **Alterações hematológicas em cães e gatos sob estresse**. 2009. 21 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária). Universidade Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Botacatu, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119576/laurino_f_tcc_botfmvz.pdf?sequen. Acesso em: 15 set. 2022.

MELO, M. L. da S. **Revisão de literatura: comportamento felino e diminuição do estresse associado ao manejo cat friendly**. 2021. 35 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária). Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/23284/1/MLSM06072022-MV359.pdf>. Acesso em: 03 out. 2022.

PARREIRA, I. M.; BUZIN, E.J.W.K. Realização de colheita de sangue em felinos domésticos: dificuldades e soluções. **Revista Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v.8, n.14, p. 2168-2012. 2012. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2012a /agrarias/ realizacao.pdf>. Acesso em: 03 out. 2022.

PERETTI, L. **Alterações hematológicas causadas pelo estresse em felinos: revisão de literatura**. 24 p. 2021. Dissertação (Especialização em Clínica Médica de Felinos) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232917/001134852.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 maio 2022.

RAMOS. M. **Indicadores de estresse em gatos**. 2018. Disponível em: https://www.ufrgs.br/lacvet/site/wp-content/uploads/2018/12/indicadores_stress.pdf. Acesso em: 4 ago. 2022.

RAMPELOTTO, C. **Perfil de 5213 proprietários e percepções sobre o cuidado de felinos e atendimento médico veterinário**. 2021. 47 p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22828/DIS_PPGMV_2021_RAMPELOTTO_CARINE.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 21 maio 2022.

RODAN, I. *et al.* AAFP (American Association of Feline Practitioners) e ISFM (International Society of Feline Medicine) – **Diretrizes para o manuseio amigável aos felinos**. 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/pb->

assets/cmscontent/ JFM/
Handling%20Guideline_Translated%20%20Manuseio%20amig%C3%A1vel%20aos
%20felinos-1603717024583.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

RODAN, I. Compreensão e Manuseio. In: LITTLE, S. E. **O Gato: Medicina Interna**. Tradução de Roxane Gomes dos Santos Jacobson e Idília Vanzellotti. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015, 1913 p.

RYAN, S. *et al.* Diretrizes para o Bem-Estar Animal da WSAVA: Para médicos veterinários de animais de companhia e equipas de cuidados veterinários. **WSAVA Animal Welfare Guidelines**. Disponível em: <https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/01/WSAVA-Animal-Welfare-Guidelines-2018PORTUGUESE.p df>. Acesso em: 24 set. 2022.

SANTOS, S. D. M. Técnicas Amigáveis de Manejo Felino. In: XIV EVINCI - Evento de Iniciação Científica, XIV, 2019, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UniBrasil: v.5. n.1. p. 238-238.

SCHOLTEN, A. D. **Particularidades comportamentais do gato doméstico. 2017.** 55 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170364/001050568.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 ago. 2022.

SILVA, D. C. B. C. da. **A importância da implantação de programas sociais de castração de felinos: o que os tutores e veterinários sabem a respeito da relação da reprodução desses animais com a saúde pública e o que tem sido feito?**. 2020. 118 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18303/1 /DCBCS30102020-DV069.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

SILVA, D. dos S. **Novas diretrizes para o manejo clínico do paciente felino.** 45 p. 2017. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170514/001050729.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 maio 2022.

SILVA, R. P. da; SUYENAGA, E.S. Estresse e ansiedade em gatos domésticos: tratamento farmacológico e etnoveterinário - uma revisão. **Science And Animal Health**, Pelotas, v.7, n.1, p. 12-33. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ ojs2/index.php/ veterinaria/article/view/14789/10734>. Acesso em: 05 out. 2022.

STRACK, A. **Manejo amigável de felinos domésticos: revisão de literatura.** 2021. 45 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária). Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/>

123456789/224096/TCC%20Adriane%20Strack%20%20Manejo%20Amig%C3%A1vel%20de%20Felinos%20Dom%C3%A9sticos. pdf?sequence=1&isAllowed=y.
Acesso em: 05 maio 2022.

VOLPATO, J. **Efeitos da contenção física e química sobre as variáveis hematológicas e hemostáticas em gatos**. 2013. 59 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Lages, 2013.
Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/acta/article/view/1155/713>. Acesso em: 15 ago. 2022.